

Gilka da Costa M. Machado

# A Revelação dos Perfumes



❖ RIO DE JANEIRO ❖



Gilka da Costa M. Machado

A Revelação  
dos  
Perfumes

1916

Typ. "Revista dos Tribunaes"  
55 -- Rua do Carmo -- 53  
Rio de Janeiro

DA MESMA AUCTORA :

CRYSTAES PARTIDOS (POESIAS — 1915)

EM PREPARO :

ESTADO DE ALMA (POESIAS)



CONFERENCIA LITERARIA  
REALIZADA  
EM  
12 DE OUTUBRO  
DE  
1914  
NA  
ASSOCIAÇÃO  
DOS  
EMPREGADOS NO COMMERCIO  
DO  
RIO DE JANEIRO



Desenho de **Miguel Caplonch.**

Gravura de **Luiz Brun.**







**P**ARA dissertar de um modo satisfactorio sobre o perfume ser-me-ia necessario decifrar o enigma dessa linguagem que se acha, vaporosamente, gravada na esphinge da Natureza; ser-me-ia indispensavel decorar esse poema bucolico e selvagem, mysteriosamente escripto em petalas, e que só os favonios, na sua expressão subtil, sabem dizer, quando vão, num beijo, folhear as corollas.

Para que verificasseis o que exponho, este ambiente deveria estar impregnado de perfumes intensos ; elles, então, incumbir-se-iam de falar-vos nesse idioma, e recitar-vos-iam o poema pantheista, que tantas vezes tenho escutado e que, por possuir, apenas, a absonancia da expressão humana, sou ousada e fátua em querer transmittir-vos.

Comtudo, tantas jovens me ouvem, tantas e tão lindas são as flôres humanas que me cercam, que é bem possivel os seus perfumes illustrem a minha dissertação.

Tentarei dizer-vos, portanto, o que julgo do arôma, narrando o que tenho ouvido nas suas revelações.



A palavra “perfume”, como sabeis, sendo composta da particula superlativa “per” e “fumo” ou “humo”, que quer dizer exhalação, odôr, significa sempre muito cheiro, muito odôr.

Não ignoraes, certamente, que odôr e olôr foram palavras antonymas; odôr dizia-se quando o cheiro era agradável e olôr quando desagradável.

O perfume nasceu, por certo, de um suspiro da Terra, foi a sua primeira demonstração de vida ao vir á luz, a sua primeira exhalação ao despertar do somno do Nada.

Na Asia, na Africa e mesmo na Europa, o perfume, na antiguidade, era uma das preocupações estheticas dos povos. Jovens e anciãos, ricos e indigentes, usavam-n’o, de modo abusivo, nos corpos, nos alimentos, nos vestuarios. Elle prevalecia em todas as cerimoniaes : em torno ao carro nupcial, sob o berço dos recém-nascidos, sobre o marmore tumular, no embalsamamento dos cadaveres. Tornou-se um requinte de nobreza nos homens, um apuro de vaidade nas mulheres. As egypcias, as romanas e as gregas, com especialidade, excediam as mulheres dos outros povos no uso dos perfumes, empregando uma essencia em cada parte do corpo e banhando-se com aguas aromaticas.

Nos antigos templos e palacios, raizes e resinas odoriferas, ardiam, constantemente, nos thuribulos e caçoulas.

Durante os banquetes de Athenas eram mergu-

lhados em essencias odorosas alvos pombos que, depois, postos em liberdade, iam, como flôres aligeras, sacudindo no ambiente as orvalhadas petalas das azas e, assim, humedecendo e perfumando as frentes sonhadoras dos athenienses.

Pelos dias de festa, os gregos faziam deslizar sobre a cidade artificiaes arroyos de perfume.

Os manjares e vinhos eram preparados com odôres. As lampadas—disfarçados vasos—lançavam exalações aromaticas. No fabrico dos moveis empregava-se as madeiras mais cheirosas. Das abobadas dos templos e palacios desprendia-se, de quando em quando, uma chuva perfumea de petalas polychromas.

Nas orgias da velha Babylonia as salas pareciam jardins. Desciam do tecto cordões de flôres odorantes que, circumdando as mesas, seguiam, rastejavam e, com movimentos flexuosos, como serpentes vegetaes, galgavam novamente a abobada, pendiam em floeos fios, descançavam sobre as iguarias, cingiam bustos e frentes. Havia flôres crystalisadas, flôres entretecendo as cabelleiras soltas, e, em bamboleios de corpos nus, oleosamente perfumados, mulheres bailavam, despetalando flôres trescalantes.

Narra a Historia que, quando Marco Antonio entrou na Alexandria, o fumo dos perfumes queimados era tanto, que a cidade parecia encoberta por um nevoeiro.

A literatura antiga é toda saturada de cheiros embriagadores e lascivos; nas imagens poeticas o perfume resalta, as phrases parecem petalas soantes. Pois, até na poesia barbara da Biblia, veremos que, no "Cantico dos canticos", entôa Sulamita:

"Beija-me com os beijos da tua bocca, porque melhor é o teu amôr do que o vinho.

Para cheirar são bons os teus unguentos, como o unguento derramado o teu nome é. Por isso as virgens te amam.”

E canta Salomão:

“Quem é esta que sobe do deserto, como uma columna de fogo, perfumada de myrrha, de incenso e de toda a sorte de pós do especieiro?”

E continúa:

“Que bellos são os teus amôres ó irmã minha, ó espôsa minha! quanto melhores são os teus amôres do que o vinho e o cheiro dos teus unguentos do que os de todas as especiarias.

Favos de mel estão manando dos teus labios, ó esposa! mel e leite estão debaixo de tua lingua, e o cheiro dos teus vestidos é como o cheiro do Libano.

Jardim fechado és tu, irmã minha! manancial fechado, fonte sellada!

Os teus renovos são um pomar de romãs com fructos excellentes, o cypreste e o nardo. O nardo e o açafraão, o cálamo e a canella, com toda sorte de arvores de incenso, myrrha e alóes, com todas as principaes especiarias.

E's a fonte dos jardins, poço das aguas vivas que correm do Libano.»

E, numa allucinação, talvez, numa ancia voluptuosa de perfumes, o sabio rei se exalta, numa invocação:

«Levanta-te vento norte e vem tu, vento sul, asopra no meu jardim para que distillem os seus arômas!».

E prosegue o cantico, numa expressão de extases, quasi que vaporosa; ouvindo-o basta fechar os olhos, numa evocação muda, para sentirmos chega-

fem, uma após outra, em procissão, as almas errantes dessas essencias antigas.



O perfume é como o som: para bem sentil-o, bem analysal-o, é necessario alheiar-mo-nos quase por completo de tudo que nos cerca.

Elle nos vae, então, a pouco e pouco, penetrando o olfacto, a principio em segredo nos falando, para depois, progressivamente, revelar-nos todos os seus mysterios.

E é na sua intimidade que podemos gosar as manifestações estheticas do seu espirito; pinta, e nos mostra uma paizagem nevoenta, cheia de tonalidades vagas, que ficou para além, no poente do Passado; a figura romantica de uma Julieta, que alveja, á luz do luar, entre os verdes festões dos varandins em flôr ou as luminarias cambiantes da Alvorada que surge engrinaldada em rosas. Canta: escalas chromaticas percorre, grita, geme, soluça e suspira em surdina. E' meigo, acaricia-nos: ha corpos, velludosos como alperches, roçando-nos a epiderme; cabelleiras setineas, desnastradas, passando-nos pela frente; labios em flôr trazendo-nos á bocca sabôr de beijos nunca provados.

Aspirando-o, demorada, extasiadamente, teremos sensações maravilhosas: sons inéditos, paineis nunca vistos, a delicia, afinal, de todos os sentidos.

Quem não terá ainda gosado as sensuaes illusões da embriaguez do arôma?

Certo não foi por simples phantasia, por mera criação poetica, que os gregos consideraram o per-

fume a bebida inspiradora dos deuses, pois, ainda hoje e sempre, elle ha de ser o nectar da Poesia.

Ouçamol-a :

*Vaga revelação das sensações secretas,  
das mudas sensações dos mudos vegetaes ;  
—arco abstracto, que afina as emoções dos poetas  
e que ao violino da alma arranca sons iriaes.*

*O perfume que á dôr das plantas interpreta  
e encerras, muita vez, desesperos mortaes !  
busco sempre sentir-te errar, nas noutes quietas,  
quando teu floreo corpo em somno immerso jaz.*

*Es um espirital desprendimento ao luar,  
si, á noute, sonha a flôr do calice no leito,  
e és a transpiração da planta á luz solar.*

*Mas, si acaso te extrae o Homem—sêr destruidor,  
perfume!—decomposto, inane, liquefeito,  
és a essencia, és a vida, és o sangue da flôr.*

O perfume pode, como não ignoraes, ser de origem animal, vegetal ou mesmo mineral.

Todos os corpos trazem um cheiro particular, umas vezes brando, outras intenso e que, não raro, pode ser considerado perfume.

A exalação do cheiro não é mais que um desprendimento da materia de que se compoem os corpos, affirma a Sciencia.

Diz o Dr. Monin, num estudo sobre os cheiros do corpo humano :

“As individualidades, os estados pathologicos, os proprios sentimentos, se manifestam, se trahem por um cheiro imperceptivel quase ao olfacto de quem o possue.

As enfermidades, as excitações psychicas, os pezares acabrunhantes, exaltam sempre ou modificam os cheiros naturaes das creaturas”.

Affirma ainda o Dr. Monin que, nos suores localizados, mellior poderão ser notadas estas exquisitas anomalias oosphresiológicas.

Gamberine expõe o facto de um mancebo que, em seguida a uma desillusão amorosa, exhalava um fétido medonho...

Ora, sendo o cheiro a manifestação de um estado pathologico ou psychico, provado está que a desillusão não tem bom cheiro...

Jovens amantes, buscae sempre alentar as vossas esperanças, para não perturbardes as narinas alheias com o cheiro denunciante dos vossos infortunios!

Diz Gassicourt: “Todas as molestias tem a sua exalação caracteristica; as lethargias emanam cheiros semelhantes aos da decomposição da materia, o que tem dado occasião a que muitos medicos se illudam com esse symptoma lethal”.

As alienações mentaes desprendem um fétido igual ao do rato ou caça brava, (affirma Fèvre e Burrows confirma, dizendo que esse cheiro é tão infallivel que, si o sentisse em alguém, mesmo sem outra prova, não hesitaria em attestar a loucura de quem o possuísse).

Citando as exalações desagradaveis dessas molestias, procuro, apenas, demonstrar com os scien-tistas a variedade dos cheiros adquiridos pelos ésta-dos pathologicos.

Enfermidades ha, porém, que originam perfumes bastante sensiveis.

O Dr. Hammond attesta ter observado que um joven hypocondriaco expellia o odôr pronunciado da violeta.

E' conhecido o facto de uma moça hystérica que, durante as crises nervosas, emanava um cheiro delicioso, de lirio.

E, como esses, ha innumerous casos que me abstenho de narrar, temendo que se imprima na leveza da minha palestra a feição enfadonha e pesada de uma these scientifica.

Os perfumes humanos são tão accentuados que se entranham nas roupas e objectos usuaes de todas as pessoas, variando em cada corpo. Para exemplificar basta o facto presenciado por Debay, em que uma somnambula, depois de haver olfacteado doze objectos desconhecidos, separou-os e distribuiu-os aos respectivos donos, sem o menor engano.

Alexandre Albani, quando cego, distinguia pelo olfacto as mulheres jovens das ancians, e o "Journal des Savants" de 1864, conta que um monge da Hungria destacava pelo cheiro as mulheres castas.

A Sciencia já analysou, e haveis de ter observado o perfume singular que trazem os monges, os religiosos fanaticos, e que delles se desprende com mais intensidade nos momentos da abstracção da prece. Esse cheiro brando e anesthesiante, que empresta a taes creaturas algo de celestial, de mystico, e que a medicina considera o manifesto pathologico da affecção espirital do enlevo religioso, é o perfume do extase. . .

Assim, como os corpos, tambem os cabellos guardam um cheiro natural; têm elles odôres particulares que variam conforme o sexo, a idade e o estado daquelles que os possuem.

E' sabido que o cabello dos chinezes desprende sempre a exhalacção do almiscar.

Pessoas tenho observado cuja côma expelle um cheiro semelhante ao do enxofre.

A Poesia, melhor que a Sciencia, sente estas questões oshresiológicas, analysando-as com particular belleza.

São de uma poetisa os seguintes versos :

*Si, do torço retroz de tua côma escura,  
meu beijo, como um passarinho,  
gorgeando, cêlere, procura  
o morno e fôfo ninho ;  
que cheiro verde meu olfacto sente !  
—cheiro de resedá que em flôres regorgita . . .  
e meu olhar mergulha, e meu rosto se esconde  
em tua cabelleira redolente . . .  
tenho a impressão de que és uma arvore exquisita,  
sonho que em teu cabelo ha verduras de fronde.*

.....

*Quando te acaricio,  
e meu desejo teu desejo ateia,  
teu cabelo aromal, novelloso e macio,  
pelo meu rosto subtilmente passa . . .  
tua cabeça, então, que em meus braços se enlaça,  
tua cabeça de essencias cheia,  
é uma cacoula que perfumes incendeia,  
o teu cabelo queima, é vapor . . . é fumaça . . .*

.....

*De onde vem esse odôr com que elle me quebranta,  
esse odôr vegetal  
de essencia dormideira,  
odôr que delicia e que faz mal,  
narcotizante odôr de malefica planta ?*

.....

*E, meditando bem, no silencio, com calma,  
tiro uma conclusão da origem desse arôma:  
é a essencia venenosa da tua alma  
que anda a se evaporar por tua negra côma.*

Esse cheiro vegetal é frequente nos cabellos, pois já tenho lido comparações idénticas em varios poetas consagrados, inclusive Charles Baudelaire, que na sua admiravel poesia "La chevelure" disse :

*La langoreuse Asie et la brulante Afrique,  
Tout un monde lointain, absent, presque defunt,  
Vit dans tes profondeurs forêt aromatique !  
Comme d'autres esprits voguent sur la musique,  
Le mien, ô mon amour ! nage sur ton parfum.*

E, como os cabellos, boccas haveis de ter com certeza aspirado de arômas inebriantes, boccas que são quaes sazonados fructos que o nosso olfacto saborêa, e de onde o halito nos vem como um favonio que houvesse perpassado por um pomar em plena ma-furescencia.

Boccas desabrochantes de creanças, cujo arôma incolor por certo é o da innocencia, e boccas rese- quidas de velinhos, onde ainda paira o cheiro vago das flôres que se engelham para a morte.

O perfume humano, frequentemente, afflue para uma localidade especial de cada corpo.

Acaso nunca fivestes a ventura de absorver, num colloquio amoroso ou mesmo no rapido contacto de um cumprimento, o odôr que originam as mãos de certas creaturas ?

Existem mãos perfumosas e mãos perfumadas, estas de cheiro adquirido, momentaneamente, pelo trato, aquellas—distillado pelo proprio sangue. Para dis- tinguil-as não são necessarios recursos scientificos, basta a convivencia, pois é sabido que o perfume- extracto, posto sobre a epiderme, não tem absoluta- mente duraçào: o calor do corpo absorve-o; o cheiro natural soprepuja áquelle artificiosamente usado.

Essas mãos que a Natureza privilegia, são verdadeiras plantas humanisadas, tal é sua fragrancia; aspirando-as, num contacto, temos a impressão de machucar as petalas oleosas de uma flôr estranha.

Não raro observareis que os poetas, versejando sobre as mãos das suas musas, referem-se ao perfume que ellas guardam.

E' que o poeta — eterno investigador das coisas bellas — só ama e canta aquillo quê lhe desperta a emotividade.

Quem melhor que Alberto de Oliveira poderá ter sentido esse perfume localizado em certa mão?

*Se a mão falasse, a minha mão diria:  
— «Pude apertar a sua mão tão leve!  
Ah! que perfume o que essa flôr trazia  
em suas cinco petalas de neve!»*

*E se escrevesse a mão como ora escreve  
Mas por si, sem lhe ser preciso guia,  
Vontade, impulso, inspiração que a leve,  
Talvez a minha mão escreveria:*

*— «Versos, ide-me assim, sem lei nem arte,  
Pois não por vós, mas por mais pura e linda  
Fôrma fugaz eu me debato em vão!*

*Nem sei pegar-te, penna, e ás musas dar-te,  
Que ébria me arrasto, respirando ainda  
O aroma virginal de sua mão!»*

Poder-se-ia julgar um simples devaneio poetico, esse de achar perfume nas mãos da mulher amada, si o facto não fosse commum e já verificado por varios medicos e sabios.

Orteschi observou uma joven que exhalava aroma de baunilha pelas pontas dos dedos.

Muitas vezes a exalação de um corpo prejudica a sensibilidade do outro. O cheiro do gallo, por ex-

emplo, aterrorisa o leão, o do homem irrita os gansos, e assim muitos outros.

Perfumes ha que ao olfacto de algumas pessoas é incommodo ao passo que ao de outras é delicia.

O almiscar (cheiro originario de uma especie de corça, na Asia), o castorio (que é extrahido do castôr), o ambar (que se encontra nos intestinos do cachalote), e varios outros, são cheiros que, pela sua excentricidade, por poucos são considerados odôres.

Póde um perfume, geralmente apreciado, ser causa de accessos nervosos ou mesmo provocar sérias enfermidades no organismo de certas creaturas.

Conta o medico Thomaz Capellini que uma nobre dama romana, de nervos delicados, um dia, recebendo-o, em sua residencia, lhe dizia não poder supportar o perfume da rosa, que essa flôr era o seu inferno. Emquanto o medico escutava a interessante dama, uma senhora, amiga da mesma, entrou pela sala, trazendo um botão de rosa nos cabellos. A joven dama empallideceu e, agitando os braços, desmaiou sobre o canapé. Que susceptibilidade nervosa! (pensou, então, o doutor) é preciso que o olfacto dessa senhora seja assás apurado e o perfume da flôr demasiadamente intenso, para se produzir um tão violento espasmo. E qual o seu espanto quando, ao receber a flôr das mãos da visitante, verificou ser a mesma artificial!

Bastou, portanto, a apparição da flôr para trazer á exquisita dama a sensação do perfume, com todo o seu malefico effeito. Não fôra mais que um interessante caso de suggestão.

Narra tambem Debay que uma senhora ingleza tombava com syncopes ao perfume das rosas vermelhas, e aspirava com prazer o das rosas mais claras.

O sabôr olfactivo é extraordinariamente vário e, muitas vezes, degenerado.

Assim como existem pessoas que só pendem para o mal, ha olfactos que só se delicias com os cheiros fétidos.

Comtudo, ha perfumes malignos, cujo absorvimento enferma. produz a loucura e algumas vezes mata.

Exemplifiquemos: o cheiro do açafão causa asphyxias, o da magnolia occasiona febres, o da cannella males do coração e innumeros outros.

Diz-nos ainda Debay que uma cantora perdia a voz, mal aspirava o perfume da flôr de laranja; entre tanto, a essencia dessa flôr é um poderoso calmante.

O cheiro da mancenilheira narcotisa e produz a morte áquelles que o absorvem por demorado tempo; aspiral-o é ter a certeza de ficar sujeito ao sortilegio de uma bruxa vegetal.

Quase todos os perfumes têm poderes narcotizantes, quando absorvidos, demoradamente, num ambiente estreito e abafado.

As influencias do perfume no systema nervoso das creaturas seriam sufficientes para o desenvolvimento de uma interessante obra scientifica, taes as suas bellezas e aberrações.

Os mineraes, como todos os outros corpos, contém cheiros proprios, frequentemente medicinaes e, ao meu sentir, quase sempre desagradaveis. Não duvido, porém, que para algumas creaturas os cheiros mineraes sejam perfumes.

Todas as pedras têm as suas exhalações, embora commummente imperceptiveis á nossa sensibilidade olfactiva.

Dentre os mineraes, entretanto, destaca-se a aromatites — pedra preciosa da Arabia, cujo cheiro é semelhante ao da myrrha.

Os perfumes animaes e mineraes, comtudo, são sempre inferiores ao perfume vegetal, ao perfume virgem e vivo dos troncos, das frondes, das flôres e dos fructos. Esse, que a todos nós apraz trazer no corpo, na côm, no lenço, para disfarce dos nossos cheiros natos, não é mais que a decomposição da flôr, não é mais que a extracção da sua alma, do seu sangue, da sua vida, emfim, por meio de macerações, de composições chemicas e de prensas hydraulicas.



Assim como o som tem côm e a côm tem som, ha côm e som no perfume. A intensidade ou brandura que elle manifesta dá-nos a visão da côm, e a côm, por sua vez, traz-nos a percepção do som.

Torna-se-me impossivel citar todos os perfumes pois elles são innumerous, variando cada qual de expressão e de colorido. Dentre os mais notaveis, acharemos, facilmente, alguns que nos dêem a visualidade perfeita das côres do iris.

Não quererá isso dizer que os mais sejam incolôres, pois, como ha côres que são composições de outras, ha perfumes que, pela semelhança que os harmonisa, entre si, não passam de composições chromaticas de vapores. Sirva de exemplo o perfume dos jasmims com o das angelicas e madresilvas.

Existe, então, uma orchestra, cujos instrumentos são plantas, cujas musicas são vapores; si quereis escutal-a penetrae o theatro da Natureza, aprestae os ouvidos da alma e deliciar-vos-eis com as magnificas operas do perfume.

E' superfluidade dizer vos que, assim como ha creaturas surdas, ha tambem almas que o são; as dos materialistas, quero crer, por mais que o perfume cante jámais conseguirá ser por ellas ouvido.

Não é, pois, para os materialistas que eu falo, mas sim para os sonhadores, para os cerebros que têm o illuminismo da Poesia, para as creaturas dotadas de duplos sentidos afim de penetrarem os mysterios das cousas, e de azas na alma para transporem as longinquidades da altura.

Não ha poeta, não ha mesmo literato algum que se não tenha occupado, embora ligeiramente, com os perfumes. Charles Baudelaire, nos seus versos, demonstra, a cada instante, uma paixão extraordinaria pelos mesmos; a sua percepção olfactiva assume sempre symptomas extravagantes.

O poeta das "Fleurs du Mal" foi apossado de um violento amôr por certa mulher, devido ao perfume exotico que ao seu olfacto ella exhalava.

Diz Felix Gautier, num dos numeros do "Mercurie" de França:

"Por Jeanne Duval, uma negra de S. Domingos, Baudelaire chega até ao sacrificio da sua elegancia : vende, hypotheca, endivida-se; a sua sensualidade é exasperante, tem crises ao vel-a e aspira cheiro de môsto na lan de carneiro da sua cabelleira".

Jeanne era, afinal, para Baudelaire, um thuribulo humano, onde elle, constantemente, aspirava o arôma da sua inspiração; quando ella passava o poeta permanecia a fluctuar no seu «perfume negro», no seu «perfume de ébano».

E, como esse bizarro artista, existem muitos outros sonhadores, amantes de eguaes damas, pelo cheiro especial que a carne lhes satura...



Conservamo-nos por alguns momentos numa das ruas mais movimentadas da nossa "urbs" e quantas sensações o perfume nos dá !

Quente e activo, eis-o que vem, gingando como um garoto esperto, como um abstracto pagem, anunciar alguém que se aproxima, num passo cadenciado e frouxo, movendo, languidamente, as fartas ancas... É' uma mestiça: passa, desaparece, mas seu perfume fica, ainda por muito tempo, como que dansando os ultimos passos langues e sensuaes de um tango...

Foi-se. Já ao nosso olfacto vem bater a onda vaporosa de um arôma novo, manso e macio, que numa caricia endermica nos percorre todo o corpo. De onde elle vem? Quem o exhalou?—Mysterio! É a alma nos fica, demoradamente, fluctuando nas ondas vaporosas do perfume...

Mas, dentre o vae-vem do povo que se baralha, ha alguma cousa escandalosa que attrae os olhares dos "snobs", envidraçados pelos monoculos; todas as mulheres se voltam assustadas... ha um reboliço estranho... Uma creatura, exquisita e loura, num passo tremulo, nervoso, qual uma arvore animada, passa, rapidamente, ensandalando o espaço... É, aspero e pertinaz, o seu perfume nos sacode os nervos, arrepiamos a epiderme e perdura numa aggressão insolita ao nosso olfacto.

Passou: já não é mais que um écho, que um vestigio, um lenço vaporoso accenando de longe... Como os outros passou.

Na rua que, com o vir da Noute, a pouco e pouco, se vae tornando solitaria, a cada instante a nossa vista foge, vae se refugiar no mais profundo, no mais occulto do nosso ser, e, de olhos cegos, na introversão da Saudade, vamos, então, revendo, uma a

uma, gravadas em nossa alma, todas as impressões momentaneas do arôma...



Talvez fiqueis admirados, si alguém, tomando-vos o braço, convidar-vos para ir ao baile dos perfumes; porém, si fordes observadores e esthetas (certa estou de que o sois), haveis de ter, como eu, passado muitas noutes ao relento, no paradisiaco enlevo dessa festa nocturna .

E, ás finas vibrações dos violinos do Vento, ao céu que assoma todo illuminado no fádico esplendor de um luar de Primavera, tereis assistido aos movimentos varios dessa multidão vaporosa, que se encontra, que se mistura pelo espaço, em rodopios rapidos, em meneios tristes e sinuosos, em saltos leves e ligeiros, em passos lentos e arrastados; estes indecorosos, cheios de impudicia, aquelles impertinentes e nervosos; alguns alegres e barulhentos como creanças, outros sizudos e laconicos como anciãos.

E, num vae-vem continuo, ora os perfumes desaparecem, mergulham no ar em languidos requebros para, logo após, se estorcerem, se desenrolarem, espiralando... subindo...

Ha momentos em que elles se destacam, lado a lado, nuns "balancées" macios, vagarosos, e, depois, se confundem no "four" ruidoso de uma quadrilha phantastica...

E, até que o dia venha dispersal-os, enquanto os jardins repousam e o nosso corpo jaz na inanimidade do sonho, nada ha mais aprazivel á nossa alma

que acompanhar o espirito das flôres nos seus desprendimentos nocturnos.



O perfume tanto se nos associa nas alegrias como nos pezares. Elle nos é util até no transe extremo para suavisar o cheiro horrivel da nossa decomposição.

Haveis de ter, ainda que rapidamente, aspirado essa promiscuidade de arômas, tão commum nos ambientes funebres.

Ao solenne recolhimento desse silencio em que tudo chora, desde o olhar tremulo dos cirios á luz de cirio dos nossos olhos, paira no espaço, indecisa e grave, uma collectividade aerea que suspira e soluça longamente . . . São os perfumes.

Da profusão das flôres que alli se acham, immoladas num culto affectivo, as essencias, tambem num derradeiro arranco, manifestam a dôr do feroz golpe que as tolheu de gosar a existencia terrena.

Nesses momentos em que as flôres jazem, lividas pela morte, e a nossa alma prantêa o corpo inerte e frio de um morto idolatrado, como tão bem se consorciam, a essencia da nossa tristeza, com a tristeza vaporosa do perfume !

Sae o féretro, com elle se vão os cadaveres das flôres, mas os perfumes perduram, retidos na immobibilidade da melancholia, invocando, saudosamente, as flôres que os emanaram.



O arôma, algumas vezes, prejudica, por ser denunciante. Quem acaso o possui não se pode occul-

tar: annuncia-se á chegada, deixa rastro na passagem. Elle se propaga pelo ambiente, grava-se nos objectos ao nosso contacto, põe-nos em situações embaraçosas . . . é mesmo compromettedor.

A mulher, creio, seja dotada de uma apuradíssima oosphresia.

Quantos dos cavalheiros que me ouvem, chegando certas vezes em casa, hão, com surpresa, escutado as suas esposas murmurarem desconfiadas: «Oh! que perfume exquisito! . . . Tu trazes um cheiro estranho . . . Onde estiveste?» E, terão, atordoados, respondido: «Puro engano, querida; certamente é do jardim o arôma que tu sentes . . . eu estou muito constipado, não o sinto.

Ah! Maldito perfume!

Por este motivo, o poeta Olavo Bilac, buscando fugir ás investigações dos olfactos alheios, diz numa das suas bellas producções:

*E, já manhã, quando ella me pedia  
Que do seu claro corpo me afastasse  
Eu, com os olhos em lagrimas dizia:*

*•Não pode ser! não vês que o dia nasce?  
A aurora, em fogo e sangue as nuvens corta . . .  
Que diria de ti quem me encontrasse?*

*Ah! nem me digas que isso pouco importa! . . .  
Que pensariam, vendo-me, apressado,  
Tão cedo, assim, sabindo a tua porta?*

*Vendo-me exausto, pallido, cansado,  
E todo pelo arôma de teu beijo  
Escandalosamente perfumado?*



A abstracção do assumpto impede que se lh'o defina; os conceitos divergem, as imagens variam.

Todavia, dos pareceres que sobre o thema heilido, ha um que se me ficou perpetuado na memoria: o perfume é o idioma dos vegetaes.

E, realmente; assim como as creaturas se exprimem pela palavra, os astros pela luz, as pedras pelo brilho, o oceano pelo marulho das suas ondas, os vegetaes se manifestam pelo perfume; e que delicias nos proporcionam elles nas suas adoraveis palestras!

O sandalo e o incenso—perfumes-resinas—pela adversidade das emoções que despertam, formam uma verdadeira antithese aromal.

Nas primitivas «missas negras», o sandalo era, dentre outros perfumes, usado nos templos pagãos como um estímulo para a orgia; o incenso, ainda hoje, é queimado nos templos christãos como um incentivo para o sonho. O sandalo é um aphrodisiaco para os sentidos; o incenso é dos sentidos o anesthesico. O sandalo é um perfume vermelho, um perfume infernal; o incenso é um perfume azul, um perfume celeste. Ha no sandalo o estridulo rumor das trombêtas de guerra; ha no incenso o som solenne e religioso dos órgãos. O incenso fala-nos á alma, fala-nos de todas as cousas vagas e mysticas; o sandalo fala-nos ao instincto, accorda-nos a volupia.

A poesia torna mais notorio o contraste das emoções suggeridas por esses perfumes; ella nos transmitta, pois, uma sensação produzida pelo sandalo:

*Quente, esdruxulo, activo, emocional, intenso,  
o sandalo espirala, o espaço ganha. berra...  
e eu, que soffrega o sorvo em longos haustos, penso  
ser elle a emanação da volupia Terra.*

*Odôr que o sangue inflamma e que um desejo immenso  
de prazeres sensuaes em nossas almas ferra,  
quer perfume o brancor de um rendilhado lenço,  
quer percorra, a cantar, as brenhas, o érmo, a serra.*

*Quando o aspiro a embriaguez em mim se manifesta  
e, ebria, do amôr transponho a v:rential floresta,  
onde a Luxuria, como uma serpente, assoma.*

*Ha rumores marciaes, sangrentos, aggressores,  
de trompas, de clarins, cornetas e tambores  
na forte exhalação deste infernal arôma!*

Verifiquemos a antithese; a Poesia ainda nol-a  
demonstre pelo soneto de Rodolfo Machado :

*Ha no incenso um poder ignoto e suggestivo,  
—um halito de Deus, onde existe o perdão...  
Sempre que o absorvo vejo um anjo pensativo,  
de olhos postos no céo, com as mãos no coração.*

*Entre as luzes do templo e ao som vago e emotivo  
do orgão, o seu perfume é o enlevo da oração;  
adormenta-me como um suave lenitivo,  
que traz todo o segredo azul da remissão.*

*Entrego-me á chimera ideal dos meus sentidos,  
e, evocando, na paz, os meus sonhos perdidos,  
fecho os olhos á luz para vel-os voltar...*

*E, enquanto, pelo espaço, erra o fumo suspenso,  
eu sinto a vida azul, dentro do azul do incenso :  
num extases Minh' Alma anda esquecida no ar.*

Como já tivemos occasião de averiguar que nas  
creaturas o perfume é sempre a manifestação de um  
estado pathologico ou psychico, tambem nas plantas  
elle revela todos os sentimentos vegetaes.

Ha perfumes que não são mais que a condensa-  
ção das lagrimas que as arvores vertem nas suas ma-  
guas, lagrimas em que as arvores concentram toda a  
a tristeza do seu captiveiro.

Ha perfumes que riem, perfumes que choram,  
perfumes que gemem, perfumes que berram!

Observae a tristeza da violeta. Ha no perfume dessa flôr um som grave, um som soturno, um som nostálgico e rôxo de violoncellos incognitos, um som que parece vir de muito longe, das lendarias e nevoentas estancias do Passado. Supponho que a violeta haja sido gerada na hora enferma do occaso, aos hystericos vapores da Terra quando desmaia nos braços mollentados do Crepusculo. Parece haver no seu odôr se concentrado toda a melancholia de Flóra.

A rosa, não; a rosa é alegre como uma creatura sadia. Seja rubra ou nevada, o seu perfume é sempre roseo como um riso, sae-lhe dos labios qual um chilro de guitarras, quando se lhe descerra a bocca tumescente, na sua gargalhada aureoreal.

O arôma da magnolia é amarello e doentio. Ha espasmos voluptuosos na exhalação dessa flôr, quando se entorna em seus eriopetalos labios o argenteo aphrodisiaco do luar. O seu perfume nos penetra o olfacto com maciezas de carnes pubescentes. O vento dá-lhe vibrações quérulas de harpa. Lembra-me o arôma da magnolia o aneio apaixonado da alma abstinente de uma freira.

Fecha os olhos e aspira todo o odôr dos resedás floridos; tereis a impressão de atravessar uma floresta vasta, uma floresta virgem, com todas as suas exhalações acres, de hervas, ao som das frautas invisiveis dos faunos. Crê-se que a Esperança nos fale pelo perfume verde dessa planta.

E' um desalento o odôr da madresilva. Alaranjado e languie, elle sae dos jardins como um bocêjo. A brisa plange as cordas verdes dessa planta, arrancando-lhe sons monotonos de alaúde. Punge-nos sentir a evaporação da sua alma, o seu desprendimento despreoccupado e môrno de tédio...

Ha perfumes que se não definem.

A' noute, qual de vós ainda não terá sentido a caricia velludosa de um perfume que passe, tão ligeiro, tão leve, tão subtil, que não vos dê tempo a analysal-o, a saber de onde elle vem ?

Murcha no calice a flôr, as petalas empallidecem, e, como num desconjunctamento de musculos, tombam, hirtas e frias, voltando ao primitivo pó. Mas... e o perfume?—Observae: elle ainda se conserva no ambiente, errando qual uma alma perdida no atordoamento da desencarnação!... E, enquanto o olfacto o absorve, dentro da noute alguém fala :

*Um perfume leve, mystico, tristonho,  
vem tocar-me o olfacto, traspassando a porta :  
sorvo-o com delicia, faz lembrar-me um sonho,  
pois, noctivagando, mystico, tristonho,  
a alma me parece de uma flôr já morta.*

E não é só o perfume das flôres que perdura, após o aniquilamento daquella que o emana; o perfume carnal, o perfume humano, tambem se distribue pelo espaço e se grava nas roupas e objectos usuaes.

Quantas vezes, ao penetrar numa casa abandonada, removendo a poeira do esquecimento, notamos, de cada canto, erguer-se ao nosso olfacto a essencia já mumificada das creaturas que a habitaram ? Quantas vezes ao tocar num lenço, numa fita, numa carta, sentimos desprender-se a fragancia divina do nosso amor já morto ?

E, embora nada reste que nos possa lembrar um ente extremecido, basta o seu perfume haver um dia nos deliciado o olfacto para ficar, eternamente, cantando, gravado no disco da nossa alma.

Na quietude das noutes, quando tudo é silencio e quase só podemos ver com o espirito e escutar com o olfacto, muitas vezes um perfume intimo, como a

imagem impalpável da Saudade, nos vem trazer a sensação de alguém que se acha ausente, dando-nos a illusão de que esse alguém se approxima, que é o seu proprio odôr o que aspiramos. Como explicar engano tão frequente? — uma illusão olfactiva, talvez, ou quem sabe se a alma desse alguém se transporta até nós?

Que o demonstre a Poesia :

*Noute feia. Estou só. Do meu leito no abrigo,  
cae a luz amarella e doentia do luar ;  
tediosa, os olhos fecho, a vêr si, assim, consigo,  
por momentos siquer, o somno conciliar.*

*Da janella transpondo o entreaberto postigo,  
entra um perfume humano impellido pelo ar . . .  
«E's tu, meu casto Amôr? és tu, meu doce amigo,  
que a minha solidão vens agora povoar?»*

*A insomnia me allucina; ando num passo incerto:  
«E's tu que vens . . . és tu! reconheço este odôr...»  
corro á porta, escancaro-a, acho a Treva e o Deserto.*

*E este arôma que é teu, aspirando, supponho  
que a essencia da tua alma, ó meu divino Amôr!  
para mim se exhalou no transporte de um sonho.*

O perfume é um vaporoso pincel que ás vezes vem traçar na tela da nossa memoria os factos apagados pela esponja do tempo.

Mas... caminhemos á noute. A Lua como uma flôr exotica da treva, nos ethereos jardins, abre a corolla fria. Dormem as cousas, dormem as creaturas. Ha por tudo a expressão intima do silencio. O luar, qual um frouxel largo e longo, se desprende do céu e tomba pelo solo.

Travez a gazea tunica que vestem, as arvores,

deixam apparecer a carnação verde. As estrellas sacodem no ar as petalas trementes fazendo cahir um luminoso pollen. Ha uma «bôa» de nevoas, cingindo levemente as espaduas dos montes. Dorme tudo, porém, o perfume se exhala, o perfume desliza, o perfume fluctua... e, ébrio, completamente, o nosso olfacto indaga si elle subiu da Terra ou si desceu dos astros.

Caminhemos ainda :

*As laranjeiras estão floridas  
e, sob o véo alvo do luar,  
de branco, assim, todas vestidas,  
parecem virgens a caminho para o altar.*

*A alma nos fica inteiramente preza  
de um mystico languor,  
ao perfume que exhalam na devesa  
os laranjaes em flôr.*

*Ha um ruido de oração, de longe em longe,  
anda o hyssope da Lua aspergindo todo o ar,  
e o Vento reza como um velho monge  
para no altar da sombra as arvores casar.*

*Emquanto a noute fulge toda accêsa  
para a festa do Amôr,  
vão desfolhando as flôres da pureza  
os laranjaes em flôr...*

*E, fecundando as viçosas vidas,  
as laranjeiras, par a par,  
assim se casam nessas ermidas,  
nas ermidas liriaes, lactescentes do luar.*

*Um pollen branco, de etheral leveza,  
—porphyrizado amôr,  
distribuem por toda a natureza  
os laranjaes em flôr.*

*E aos laranjaes que andam noivando, véde:  
a alma gosa um prazer intimo e salutar,  
adormecendo, como numa rêde,  
neste perfume que anda a oscillar, a oscillar..*

*Julgo absorver à essencia da Pureza  
no vosso meigo odôr,  
ô virgens-laranjeiras da deveza!  
ô laranjaes em flôr!*

Prosigamos... parece-nos que alguém geme... ha talvez, o arquejar de uma alma fatigada enchendo de pulsações o espaço adormecido... São os manacás que se lamentam; na voz do seu perfume, qual na surdina triste de um violino, afigura-se-nos que vibra uma alma viuva, uma alma que, por singular metempsychose, chora, do imo da planta, uma illusão frustrada noutra vida.

Penetremos a floresta. A Natureza se conserva parada, presa de um narcotismo estranho. Os perfumes, nas suas multiplas expressões, chegam collectivamente ao nosso olfacto sem que possamos quase distinguil-os; ora colleantes e subtis como gatos, ora brandos e ligeiros como colibris, ora impetuosos e aggressivos como feras !

É ha o perfume verde azêdo das madeiras, o perfume cremante e apimentado das hervas, o perfume acido e polychromo e dos fructos, o perfume languido e meloso dos lirios, o perfume exotico das plantas bravias, o perfume choroso das resinas... tantos, tantos perfumes, sahidos de cada tronco, de cada fronde, de cada fructo, de cada flôr, que julgamos o proprio solo e a propria agua desprenderem para o ar um vapor arômal.

A atmosphaera se conserva pesada. Todos os sentidos se nos abstraem e vão se concentrar na mucosa olfactiva.

Dentro da floresta, como de um grande templo, julgamos absorver a fumaça odorosa de innumerous thuribulos occultos.

Os rios que, languidamente, rolam, lançando uma evaporação humida, lembram um perfume liquido que a Lua houvesse extrahido da floresta, uma essencia perfumosa lavando os negros pés da Noute adormecida. As feras enlevadas, paradas pelos caminhos, de olhos semicerrados, narinas dilatadas, farejam os espaços. As abelhas, ébrias completamente, tocam-nos a face, tombam pelo solo, adormecem sobre flôres. Todos os animaes sentem as influencias dos cheiros embriagantes da matta, e a alma dos sonhadores suga, assim como a abelha, o mel divino do perfume para o fabrico dos alvearios da Poesia.

Dormem as cousas, dormem as creaturas, apenas, os perfumes—visões brancas e enfermas—vagam, somnambulamente, pelos espaços...



Já no leito rubente do levante, a Noute morre, ensanguentada e muda, após o parto laborioso do Dia.

Soam clarins; a Terra se espreguiça; a voz tympanica das cigarras, tremulamente, vibra.

As aguas, em gestos sinuosos, movem os corpos ondulantes, espreguiçando-se nos alveos.

As arvores abrem, lentamente, os braços verdes e, com gestos monasticos, abençoam o Dia. As flôres desabotoam os labios e o perfume se evola das suas boccas frescas e lavadas, numa phrase sorridente de saudação ao Sol.

A luz avança, aquece os campos e pomares e rola como um óleo perfumado na verde cabelleira das florestas. E vêde: que alvoroço nos jardins, que alegria saudavel nos rosaes! Trava-se uma palestra intima entre as flôres; ha vozerio de perfumes...

A natureza entra em labutação; a selva é um laboratorio onde se acham operando todos os elementos.

Ganha o Sol o zenith: as aves cantam e a sua voz, num som morrente, pouco a pouco, se extingue. Com voz rouquenha as aguas cantam... Ao compasado som das enxadas, ao longe, cantam jovens nos eitos.

E' a Vida que entôa o hymno triumphal da Força e do Trabalho!

E as flôres silvestres, na simpleza de raparigas incultas, cantam canções rusticas com as vozes suaves dos seus perfumes.

Ah! os perfumes das flôres silvestres! elles são embaladores e despreocupados como as canções que as mães entoam para embalar os filhos, são o manifesto da pureza das suas almas simples, de ignorantes.

Descamba o Sol: a sesta principia com o declive da luz. As arvores, agora, elasticendo os membros, estalam de quando em vez os musculos. As flôres, entrefechando as mollentadas palpebras, dormem... A natureza toda cochila... Ha uma oleosidade tal nas frondes que parece as arvores estão fresuando.

Vae, lentamente, se fazendo a calma diurna. Nem uma aza transpõe o infinito êrmo. Exhalado de cada canto, de cada cousa, de cada sêr, o perfume que agora paira no ar é a respiração ardente da alma exausta dos sêres e das cousas.

As fontes e cachoeiras falam baixinho para

não perturbar a natureza que repouza. Os rios rolam somnolentos. Na immobilidade do ar, o perfume é um arquejo de fadiga, um suspiro talvez de desfalecimento...



Com o arrastado passo dos vencidos, o Sol caminha para o poente, deixando rastros sangrentos...

Crepuscúla... O occaso se nos afigura uma funda bacia transbordando de sangue... Nos braços flácidos da Tarde, o Sol, esvahindo-se em luz, agoniza como outr'ora Petronius, reclinado no seio da sua escrava moribunda.

Dobram sinos... Empoleirados nas frondes, os sabiás vibram o «requiem» do Dia. A alma collectiva da Natureza ajoelha-se constricta. Como um acolyto mudo, o Vento, agita levemente os thuribulos das flôres. E o homem, a féra, o verme, a lympha, a pedra, a planta, confraternizam-se nesta hora na communhão da tristeza. Em meneios curvos de onda, os sons dos sinos enchem todo o espaço. Através do incenso da Tarde, as montanhas, ao longe, parecem altares vasios... A Noute, a negra sacerdotisa, principia a pregar o sermão do silencio.

E o perfume espirala... sobe na expressão pathetica do extases religioso da Natureza.

No azul, que ora se esfuma, paira uma névoa fina, uma névoa tremente, que supponho a condensação dos vapores aromaticos desprendidos da Terra.



Dar-vos-ei uma impressão mais nitida do perfume durante as diversas horas, com a «Ballada do Arôma», de Rodolfo Machado.

Ha-de a palavra rythmada, mais uma vez, exprimir-vos, o que eu não consegui com a minha rude prosa.

*Busco sempre a embriaguez espiritual do Arôma;  
o arôma que é de Flôra o magico licor...  
absorvo-o e sinto que elle a alma toda me toma;  
e, num deliquio estranho, em secreto languor,  
gôso de ethereo sonho o inédito sabôr.  
—Anesthesico d' Alma—uncção das minhas dôres  
—fluido que da neurose incognita das flôres  
penetra o olfacto e vae no coração vibrar...  
—espirito da Flôr que a musica das Côres,  
ora vem, e ora vae, vibrando, na harpa do Ar.*

*Ao Sol nascente, quando a luz doura a montanha,  
ao Sol—pintor astral que uza tintas de luz,  
nessa hora, de onde o tenha, elle espirala e ganha  
a liberdade do Alto e, no Alto, assim, traduz  
a essencia da emoção que o vegetal produz,  
para que a Terra envie ao Sol seu floreo beijo.  
—Sonho alado da Flôr que sóbe num adêjo,  
—incensorio pagão das hâlias matinaes...  
Ah! com elle, desperto, á luz e ao rumorejo  
bate o meu coração entre visões lyriaes.*

*E sempre que de cima o Firmamento assôma  
abrindo no infinito a epopéa da Côr,  
na hora em que se realiza a festa polycrôma  
do meio-dia, ao Sol radiante, abraçador,  
o Arôma é um hymno excelso entoado ao deus do Amôr.  
Sôam dentro da luz os aromaes vapôres,  
e a musica tremula em notas multicôres,  
dando a tudo o desejo intermino de amar...  
E languido, sensual, emocionando ardores,  
Ora vem, e ora vae, vibrando, na harpa do Ar.*

*A' tarde, á morta luz, finda a diurna campanha,  
quando no Occaso o Sol lembra no Hôrto Jesus,  
na tristeza da sombra, elle, saudade estranha  
accorda e, para o céu subindo, me seduz. . .  
Surge, então, no meu sonho a imagem de uma cruz;  
e ante a minha esperança e o meu final almejo,  
sinto-o como se fosse a fé que um sertanejo  
prende a essa illusão das cousas celestiaes. . .  
e, por senti-lo, assim, nesse divino ensejo,  
bate o meu coração entre visões lyriaes.*

*Desça, embora, da Noute a mystica redôma,  
encerrando em seu bôjo o somno embalador;  
á Noute o Arôma é sempre um suggestivo idioma  
que falam na quietude as petalas da Flôr,  
que importa a treva occulte os males do terror?  
elle á treva dará symptomas seductores,  
e até que a Aurora espalhe os primeiros albores,  
sinto-o subir no ambiente, em curvas, a ondular,  
e espiritualizando o silencio e os trevôres,  
ora vem, e ora vae, vibrando, na harpa do Ar.*

*Na vertigem do Sonho elle me envolve e banha,  
me quebranta, me enleva e aos mysterios me induz;  
e toda a vez que assim o Arôma me acompanha.  
a Poesia me vem do pensamento a flux.  
—Aza abstracta que para o céu a alma conduz;  
si é languido e subtil, lembra um leve bocêjo,  
e si é forte, febril, aggride, inflamma o péjo,  
com a morna excitação de desejos sensuaes. . .  
Ah! mas findo o prazer, sentindo o seu bafejo,  
Bate o meu coração entre visões lyriaes.*

OFFERENDA

*Poetas que sois da Vida os immortaes cantores !  
— sacerdotes do Bello — emotivos creadores !  
sorvei a alma da Flôr para melhor cantar :  
o Arôma é sempre o ideal que, para os sonhadores,  
ora vem, e ora vae, vibrando, na harpa do Ar.  
Poetas, si despertaes ao som de um vago harpejo,  
sentindo, para o ignoto, um mystico desejo,  
na aza leve do Arôma ide ás mansões ideaes,  
que direis, afinal, num sonho bemfazejo:  
bate o meu coração entre visões lyriaes.*

\*  
\* \*

Assim, na tristeza eucharistica da tarde, na somnolencia da noute, nos espreguiçamentos da alvorada, na faina ardente do meio-dia; rude na selva, ingenuo nos campos, languido nos jardins, alegre nos pomares; no desmantêlo de uma cõma esparsa, no desabrochamento de uma bocca. na tumescencia de uma carne em flôr; activo ou manso, benéfico ou maligno, sê bemdito, Perfume, sê bemdito !

O' tu que pairas sobre o estagno da vida, dando ás cousas que te possuem o teu animismo divino !

O' tu que na tua exhalação de brisa fazes tão bem vibrar as cinco cordas dos meus sentidos ! Eu te palpo, eu te vejo, e aspiro, e gosto, e escuto !...

Dá-me a delicia do teu mal, propina-me, com teu veneno, as allucinações phantasticas do Sonho !







## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).